

Edição 35

Agosto 2014

## Nesta Edição

Expansão de Conhecimento e Desenvolvimento de Habilidades através do Programa de Treinamento Especializado 2

A ACA Ajuda o Setor do Caju da Nigéria através do Programa NEXTT da USAID 3

Guiné-Bissau: Uma Mina de Ouro para o Caju Africano 3

Lidando com a Queda na Safra de 2014 na África: A Experiência do Benim 4

## A ACA Ajuda o Setor do Caju da Nigéria através do Programa NEXTT da USAID



Durante este verão o setor do caju da Nigéria recebeu um grande impulso: a Agência dos EUA para o Desenvolvimento Internacional (USAID) ofereceu assistência direcionada à Associação Nacional do Caju da Nigéria (ANCN) através de seu programa conhecido como Comércio e Transportes Expandidos na Nigéria (NEXTT). A Nigéria, a sexta maior produtora de cajus do mundo, obterá grandes benefícios com esta iniciativa, a qual procura identificar e abordar várias das questões que impedem que o setor de caju cresça de forma ainda mais próspera. Ao trabalhar em parceria com o Conselho Nigeriano de Promoção das Exportações, o NEXTT visa criar estratégias que permitam que o caju da Nigéria se torne mais competitivo no mercado global. A intenção do projeto é complementar o trabalho da própria Agenda de Transformação Agrícola (ATA) da Nigéria, um projeto nacional que tem como objetivo aumentar a competitividade agrícola e reduzir as importações.

A Aliança Africana do Caju é um dos implantadores do programa NEXTT; esta tarefa é assumida sob a Declaração do Programa Anual em Direção a Mercados Inclusivos em Toda Parte (TIME APS). No início do verão, a equipe da ACA viajou para os estados nigerianos de Oyo, Kogi e Kwara, a fim de conduzir uma avaliação de base das necessidades das comunidades produtoras de cajus, identificando os cinco principais obstáculos enfrentados pelos produtores rurais.

Em primeiro lugar, constatou-se uma falta bem acentuada de treinamento. Com exceção de um pequeno subconjunto de produtores rurais do estado de Oyo, o qual já havia sido treinado pela organização sem fins lucrativos TechnoServe, praticamente ninguém ainda recebeu treinamento sobre técnicas modernas de cultivo. De forma parecida, o gerenciamento agrícola, o controle de pragas, as técnicas de armazenamento e as práticas de colheita e de pós-colheita raramente estão em conformidade com as políticas das melhores práticas.

Em segundo lugar, muitos cajueiros são afetados por pragas e doenças, uma situação que muitas vezes é altamente prejudicial à renda familiar dos produtores rurais, dada a falta de treinamento no controle de pragas.



Continuação na página 3...

## Expansão de Conhecimento e Desenvolvimento de Habilidades através do Programa de Treinamento Especializado



*Miriam Gyamfi, Coordenadora do Projeto da ACA, faz uma apresentação sobre os benefícios nutricionais do caju (acima)*

Em parceria com o projeto da Iniciativa Africana do Caju, durante os últimos meses a ACA organizou e implantou um Programa de Treinamento Especializado (PTE) para os elementos-chave do setor do caju de sete países da África Ocidental, reforçando e expandindo o conhecimento dos elementos-chave sobre a cadeia de valor, desde os produtores até os compradores, incluindo também os fornecedores de serviços públicos e privados, tais como pesquisadores, funcionários de extensão, ONGs e outros.

O objetivo do PTE é assegurar que os elementos-chave possam fortalecer toda a cadeia de valor do caju em seus respectivos países ao compartilharem conhecimento especializado sobre um espectro mais amplo do setor. No total, 65 participantes receberam um certificado de participação deste Programa, o qual é o primeiro de seu tipo no setor do caju na África Ocidental. Equipados com novos conhecimentos e com sua motivação renovada, estes “treinadores especializados” agora atuarão como especialistas em suas respectivas localidades e criarão uma rede regional de especialização e de qualificação.

A primeira sessão do PTE ocorreu em dezembro de 2013 em Bobo Diulasso, Burkina Fasso, a segunda sessão foi realizada em Bouaké, na Costa do Marfim, em abril de 2014, e a sessão final foi em julho de 2014 em Sunyani, no Gana. A última sessão contou com a presença do Vice-Secretário Geral do Ministério da Agricultura, da Criação de Animais de Corte e de Pesca do Benim e do Secretário Geral do Ministério do Comércio e da Indústria do Gana.

A última sessão colocou o seu foco sobre a organização do setor, as economias de cultivo agrícola e de processamento, a melhoria no plantio e a adoção do enxerto para as árvores de baixa produtividade. Nesta fase os participantes já tinham adquirido uma conscientização e uma compreensão profunda sobre a cadeia de valor do caju. Além de fornecer assistência fundamental na organização e na facilitação de eventos para assegurar o seu sucesso, os especialistas da ACA deram palestras e seminários aos participantes, os quais estimularam discussões bastante animadas.

Olivier Kabre, Oficial dos Serviços de Informação de Mercado e de Monitoramento da ACA, observou que muitos participantes pediram que um acompanhamento fosse feito em seus respectivos países em relação à organização do setor, à assessoria de negócios, ao estabelecimento de contatos de mercado e à coleta de dados de informações de mercado. “O PTE pavimentou o caminho para um avanço ainda maior nas parcerias e nas colaborações dentro do setor e em todos os países envolvidos”, observou Kabre.

Sunil Dahiya, Conselheiro de Negócios da ACA, apresentou uma análise da economia empresarial do processamento de caju, compartilhando perspectivas aprofundadas sobre as premissas de negócios, o ritmo, os custos, o estabelecimento de preço, os cálculos de investimentos e as decisões fundamentais nos investimentos em caju, com a finalidade de melhorar o conhecimento de todo o setor sobre a economia da produção e do processamento de caju.

Miriam Gyamfi, Coordenadora do Projeto da ACA, fez uma apresentação intitulada “Valor Nutricional do Caju” e recebeu várias perguntas em relação à elasticidade dos preços do caju e da influência da preferência dos consumidores. Em uma discussão sobre a comercialização e as preferências dos consumidores, ela destacou o fato de que a nutrição é um dos aspectos importantes do setor, o qual muitas vezes não recebe a devida atenção e é subestimado na produção e na comercialização de caju. Ela disse, porém, que se trata de um aspecto que provavelmente terá um impacto significativo sobre os padrões de consumo no futuro.

No dia seguinte, os aprendizes do PTE embarcaram em uma visita de campo a várias fazendas de caju bem sucedidas, ganhando experiência direta sobre as boas práticas de cultivo e o gerenciamento comercial do cultivo bem sucedido. Um dos principais benefícios de um evento contínuo como o PTE é a oportunidade de compartilhamento de conhecimento entre os próprios produtores rurais e processadores, possibilitando melhorias do setor em toda a região.

No último dia do Programa, Roger Brou, Diretor Executivo da ACA, expressou o seu entusiasmo e o seu apreço pelo trabalho intenso dos aprendizes em uma fala que encerrou as atividades de treinamento.

Cada participante recebeu um certificado em reconhecimento aos seus objetivos alcançados. Agora se espera que no futuro próximo haja vários programas de treinamento em nível nacional feitos por estes Treinadores Especializados – fique de olho em notícias sobre estes eventos em nossas próximas edições deste boletim de notícias.



*Roger Brou, Diretor Executivo da ACA, distribui certificados de conclusão para todos os Treinadores Especialistas em Sunyani, Gana (acima)*

## A ACA Ajuda o Setor do Caju da Nigéria através do Programa NEXTT da USAID

Continuação da página 1...



Em terceiro lugar, devido à falta de conhecimento sobre as práticas de pós-colheita, a qualidade do caju algumas vezes é bastante baixa. O quarto obstáculo é a falta de acesso a capital: como não há um sistema fácil através do qual os produtores rurais possam ter acesso ao crédito, eles muitas vezes não conseguem contratar mão-de-obra ou ter dinheiro para comprar equipamentos e outros insumos agrícolas. Por fim, em quinto lugar, muitos produtores rurais se queixaram de que os preços flutuavam de forma muito brusca no mercado, causando instabilidade severa em suas rendas.

Durante os próximos meses, a ACA desenvolverá e implantará treinamentos específicos para cada comunidade, a fim de combater as questões mencionadas. Serão apresentadas demonstrações interativas sobre o controle de pragas e as práticas de pós-colheita, será fornecida assessoria técnica e de negócios para que grandes propriedades rurais possam ser gerenciadas de forma adequada e, além disso, será oferecida instrução em gerenciamento financeiro.

Em última análise, a assistência da ACA aos produtores rurais contribuirá com a visão da ANCN de tornar o setor do caju uma das principais fontes de receitas não petrolíferas do país. Uma vez que os produtores de caju da Nigéria tiverem recebido treinamentos estratégicos que serão feitos



sob medida, haverá uma fundação muito mais forte para aumentar o processamento de cajus no país. De acordo com o Presidente da ANCN, Tola Faseru, “menos de 20% do total produzido é processado dentro do país, o que significa que [a Nigéria] está exportando os seus empregos”. Através da parceria com a ACA, a USAID e outras organizações, esta porcentagem deverá aumentar de modo significativo nos próximos anos.



## NOTÍCIAS E INFORMAÇÕES

### Guiné-Bissau: Uma Mina de Ouro para o Caju Africano

Na condição de quinto maior exportador de caju do mundo, atrás da Índia, do Vietnã, da Costa do Marfim e do Brasil, a Guiné-Bissau depende decisivamente das castanhas de caju como uma das principais fontes de renda para as comunidades rurais e para as exportações. O setor de caju emprega aproximadamente 80% da força de trabalho. O desempenho do setor do caju é, portanto, um indicador fundamental para determinar a situação macroeconômica do país como um todo e a situação da segurança alimentar nas áreas rurais. Em 2013 a produção de cajus e as exportações foram afetadas por causa de um golpe militar, o qual ocorreu em março de 2012.

Em agosto de 2014 Roger Brou, Diretor Executivo da ACA, e Sheila Oliveira, Oficial de Comunicações, visitaram a Guiné-Bissau com o objetivo de restabelecer as relações de trabalho entre o governo recém-eleito de Bissau e a Aliança Africana do Caju. Durante a visita, o Sr. Brou e a Sra. Oliveira tiveram a oportunidade de se reunir com o Ministro da Agricultura, o qual demonstrou grande entusiasmo em favor do desenvolvimento e do fortalecimento do setor do caju. Outros membros do governo também foram bastante receptivos durante a visita da ACA e estão ávidos por colaborar em projetos que promovam o setor de caju do país.

Nos últimos anos muitos produtores rurais converteram os seus campos de plantações em pomares de caju por causa dos benefícios promissores do cultivo comercial de cajus. Contudo, mudanças climáticas, a degradação ambiental e o aumento no uso de crédito durante o período antes da colheita foram os fatores que contribuíram para uma “espiral descendente de insegurança alimentar e de endividamento”, disse Marina Temudo,

uma agrônoma do Instituto de Investigação Científica Tropical (IICT), sediado em Portugal. Para combater estas questões, a ACA recentemente assinou um ME com a Agência Nacional do Caju (ANCA), a associação nacional dedicada à defesa dos produtores rurais e processadores de caju na Guiné-Bissau. Através da colaboração dos elementos-chave em vários níveis, a Guiné-Bissau exportou cerca de 100 mil toneladas métricas de castanha de caju in natura e produziu um total estimado de 200 mil toneladas métricas, números que ficaram dentro das expectativas.



*Roger Brou, Diretor Executivo da ACA (no centro), com o representante da ACA em Bissau (à esquerda) e o Presidente da Associação de Processadores de Bissau (à direita)*

## Lidando com a Queda na Safra de 2014 na África: A Experiência do Benim

Embora a produção de cajus na África continue a crescer ano a ano, não há como evitar o fato de que a safra de 2014 foi decepcionantemente baixa se comparada com as expectativas: enquanto que a análise da ACA projetava um aumento de 10,5% para este ano em todo o continente, a crescimento de fato ficou em meros 2,2%.

Diferentes fatores em diferentes partes do continente foram responsáveis por esta queda: enquanto que chuvas insuficientes levaram a rendimentos menores na África Oriental, grande parte da África Ocidental passou por uma temporada de chuvas que veio antes do esperado normalmente, apresentando desafios para os cuidados com os cajueiros e a secagem dos cajus. Além disso, estes fatores levaram muitos produtores rurais a negligenciarem as suas colheitas de caju para colocar o seu foco sobre o cultivo de safras que tinham mais chances de darem bons resultados sob estas condições.

Esta queda também causou o aumento dos preços das castanhas de caju in natura e, com isso, também aumentaram os preços para os processadores. Por causa disto, muitas unidades de processamento em todo o continente não conseguiram manter as suas capacidades completas de processamento durante esta temporada. Sob tais circunstâncias, é prudente examinar as medidas nacionais que foram tomadas para tentar assegurar que este setor em constante crescimento continue a prosperar mesmo em tempos de dificuldades.

Nos últimos cinco anos, o governo do Benim promoveu ativamente o processamento doméstico para encorajar a adição de valor local como uma medida para apoiar o setor. Este ano, o Ministério do Comércio e da Indústria do Benim, em colaboração como Conselho Nacional de Exportadores de Caju do Benim (CoNEC), lançou um experimento feito para assegurar que os processadores domésticos fossem bem abastecidos, independente das condições de mercado.

Antes do início oficial da temporada de comercialização de cajus, o Ministério do Comércio e da Indústria concedeu autorização exclusiva aos processadores domésticos comprarem cajus durante um período de um mês antes da abertura da comercialização regular, permitindo que os processadores domésticos comprassem a melhor qualidade de castanhas a preços relativamente baixos.

Contudo, políticas experimentais muitas vezes vêm acompanhadas de problemas iniciais, e esta nova política não representou nenhuma exceção. O Sr. Rigobert Oura, da CoNEC, indica que esta “política inovadora infelizmente não deu certo, por dois motivos: a má-fé dos processadores, os quais se beneficiaram a partir da compra de quantidades que excediam a capacidade de suas plantas de processamento, com o objetivo de mais tarde exportarem o produto in natura, e outros compradores [estrangeiros], os quais se aproveitaram deste período de depreciação para também comprar, o que causou uma abertura prematura da campanha, a qual foi seguida por confusão”.

Os problemas foram identificados rapidamente, graças à vigilância de um comitê de monitoramento formado por vários elementos-chave e

estabelecido exatamente com este fim; os membros do comitê representam os produtores, os processadores, os exportadores, os compradores e os ministérios do governo. Como consequência, uma revisão desta política está sendo feita para assegurar que os problemas deste ano não se repitam em temporadas futuras de colheita de cajus.

“Agora o Benim está no processo de fazer experiências com um sistema de vendas a granel. Um plano para a universalização de um sistema deste tipo está sendo preparado no momento”, explica o Sr. Oura. Em um sistema de vendas a granel, as associações e as cooperativas de produtores rurais negociam as suas vendas de modo coletivo com os compradores, assegurando assim que os processadores e os compradores estrangeiros não possam contornar o sistema e tentar fechar negócios com os produtores rurais individuais. O comitê de monitoramento supervisionará o processo, anulando o fechamento de negócios que não estejam de acordo com as regras.

“Em todos os casos”, acrescenta o Sr. Oura, “o Benim tem a intenção de manter a sua política de priorizar o fornecimento aos processadores domésticos, com uma abordagem melhorada e mais efetiva”. Esta política apoia o objetivo do governo do Benim de processar pelo menos 25% da produção dentro do próprio país até o ano de 2020.

As experiências do Benim refletem os desafios enfrentados pelas nações produtoras de caju de toda a África: a necessidade urgente de ajudar as indústrias locais de processamento a se desenvolverem e a se expandirem, mesmo em anos de safras não tão boas.

Olivier Krabe, especialista da ACA em Serviços de Informação de Mercado, observa que “é raro para qualquer política ser perfeita na primeira tentativa. O que é tão encorajador em relação à experiência do Benim é a forma como todos os elementos-chave da cadeia de valor do caju do país estão envolvidos de modo tão próximo no monitoramento do progresso do experimento e que as políticas estejam sendo modificadas de modo tão rápido e transparente para solucionar os desafios inesperados”.



### Calendário do Caju em 2014

#### Setembro

de 22 a 26 Treinamentos de produtor rural do NEXTT em Parakou, no Benim

#### Outubro

de 19 a 23 Feira Comercial SIAL e Encontro do Conselho Global do Caju em Paris, na França

#### Novembro

de 26 a 28 Conferencia da SIETTA em Abidjan, na Costa de Marfim



Contate-nos através do endereço  
[aca@africancashewalliance.com](mailto:aca@africancashewalliance.com)  
ou ligue para +233 302 77 41 62